



# Caderno de formação

Caderno n° 6—Dezembro 2006

## Mulheres e Pobreza

*« Comprendre  
les causes de la  
pauvreté des  
femmes »*

### I. Introdução

**Mulheres e pobreza,  
uma constatação, cifras,  
uma realidade**

Hoje,

70% das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza são mulheres ;

2/3 dos analfabetos adultos são mulheres ;

66% das crianças não escolarizadas são meninas.

As mulheres que trabalham nas zonas rurais são responsáveis pela metade da produção alimentar mundial, no entanto possuem menos de 1% das terras cultivadas.

Quanto à remuneração, as mulheres e as meninas cumprem 2/3 do trabalho, mas só lhes cabe 1/10º da renda mundial.

E, na política, menos de 15% dos eleitos nacionais são mulheres...

Estas cifras não são frutos do acaso. As mulheres sofrem mais que os homens diferentes formas de pobreza, porque são

### ÍNDICE

I. Introdução : Mulheres e pobreza, uma constatação, cifras, uma realidade

II. Mulheres e pobreza : uma prioridade para a AIC

III. Tomada de consciência internacional e engajamentos políticos

IV. Aplicar a análise de gênero nos projetos AIC

V. Conclusão

vítimas de desigualdades flagrantes : acesso desigual à instrução, à saúde, aos meios de produção, à propriedade e aos postos de responsabilidade política, sem contar a desigualdade salarial. Mesmo que alguns progressos tenham sido cumpridos, para a promoção da igualdade entre mulheres e homens, não existe até este momento nenhuma sociedade onde as mulheres se beneficiem das mesmas oportunidades que os homens. Assim, em muitos países, por exemplo, as mulheres não têm direito à propriedade e não podem fazer empréstimos. Somente os homens têm o direito de posse de terras. Em caso de divórcio ou de viuvez, as mulheres vivem precariamente. Nas famílias pobres, dá-se prioridade à educação e à formação profissional dos jovens meninos. Ora, uma mulher educada terá mais autonomia, será mais respeitada, saberá dar a seus filhos uma alimentação equilibrada, levá-los-á para tomar vacinas e enviá-los-á à escola.

A feminilização da pobreza afeta diretamente toda a sociedade. E, inversamente, quando se dá às mulheres a possibilidade de emancipação, de desenvolver e exercer suas capacidades, mais rapidamente progridem e mais profundamente vencem a luta contra a pobreza.

Como lerão, neste Caderno, **a AIC, forte por suas 250.000 voluntárias, essencialmente femininas, é, particularmente, sensível à pobreza das mulheres. Já, no século XVII**, foram as mulheres que responderam ao apelo de São Vicente, para servir os pobres. O último relatório de atividades, apresentado na Assembléia das Delegadas de 2005, mostrou uma vez mais que a mulher está no centro das atividades da AIC. Numerosos projetos realizados pelas voluntárias visam à promoção da mulher ; 80% dos beneficiários de nossos projetos são mulheres.

**A AIC está muito atenta à problemática da violência contra as mulheres ; há vários anos vem empreendendo ações de prevenção e de sensibilização.** A violência doméstica, presente em toda parte do mundo, é, com efeito, uma das causas da pobreza das mulheres. Porque, mesmo que este flagelo não toque as famílias em situação de pobreza, a violência contra as mulheres pode arrastá-las à pobreza e à exclusão social.

Ao lado das ações concretas de campo, é importante engajar-se, também, em **ações « mais políticas »**, a fim de garantir às mulheres seus direitos e de avançar a igualdade entre os homens e as mulheres. Hoje, **a AIC** decidiu levar, em cada reunião de que participe, **uma mensagem comum que a defina, num aspecto importante de sua ação, « a atenção à pobreza das mulheres »**. Por outro lado, **a AIC** deve estar atenta e **engajada nos eventos internacionais, tais** como a Marcha Mundial das Mulheres, os Objetivos do Milênio, o seguimento da Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim.

Parece-nos essencial integrar **a dimensão de « gênero »** em nossas ações, na análise da realidade e em todas nossas relações ; isto nos permitirá portar « um outro olhar » sobre o lugar das mulheres na luta contra as pobres.

Enfim, saibamos que, praticadas de maneira isolada, estas diferentes estratégias não terão impacto real sobre a vida das mulheres. Um passo multidimensional é

necessário para responder à problemática e dar uma atenção integral às mulheres. É preciso abordar o problema sob diversos ângulos, pessoal, grupal e até a ação sobre as estruturas.

O passo seguinte deve levar em conta outros aspectos, como por exemplo :

- ▶ Realizar ações de prevenção.
- ▶ Ter em mira instituições competentes, públicas ou privadas, a fim de dar às mulheres o apoio necessário, seja médico, psicológico, legal, etc.
- ▶ Favorecer a participação das mulheres pobres na formulação, execução e avaliação dos projetos realizados e das políticas públicas.
- ▶ Promover a criação e o apoio a redes de mulheres que estimulem o apoio mútuo e o bem-estar de todas.
- ▶ Desenvolver as ações políticas em favor das mulheres e de suas realizações.
- ▶ Lutar pela exigência dos direitos das mulheres.

O caminho proposto, neste Caderno, deve ser seguido em uma perspectiva de gênero e em uma perspectiva cidadã, como consequência a cidadania e uma sociedade civil consciente de seus direitos e seus deveres. A AIC, agindo pessoal e comunitariamente e sobre as estruturas, quer « co-ajudar » na construção de uma nova relação social. O eixo central deve ser um melhor reconhecimento das mulheres, como sujeitos de direitos, a fim de que elas sejam ouvidas e cessem de ser vítimas de discriminação, devido ao gênero e a outras formas de xenofobia, emanadas da incompreensão e da ignorância de suas práticas culturais e de suas convicções religiosas.

**Testemunho** da Presidente da AIC Madagascar, em visita de formação, em julho de 2005, no sul da ilha.

*Eis a história de uma jovem do Sul de Madagascar. Como com quase todas as jovens, em geral, seus pais não a destinam aos estudos, porque os meninos têm prioridade. Aos 12 anos, ela está prometida a quem lhe dará um cabrito castrado, o máximo de cabeças de zebus, além de outros sinais exteriores de riqueza. Quanto maior o dote, mais ela sofrerá. Se ele a repudiar, mais tarde, ele só lhe dará uma soma muito módica. O « marido » tem direito de vida e de morte sobre sua mulher, desde o momento em que a « comprou ». Ela não comerá enquanto ele não estiver saciado, mas, como ela pensa em seus filhos, ela só comerá o resto de toda a família.*

*É-lhe impossível constituir algum rendimento. Se ela obtiver um microcrédito, seu marido se apossará dele para adquirir uma nova cabeça de cabra ; porque quanto mais ele tiver, mais será considerado « rico ». Toda resistência a este tipo de casamento, forçado pelos próprios pais da jovem, é impossível, porque ela se verá excluída do círculo familiar, será proscrita.*

*Mesmo que a aconselhemos a deixar estes lugares, nada mudará, a empresa familiar e ancestral é tão forte que essa solução, mesmo se fosse possível, levaria sempre ao mesmo ritual : trocar-se por um dote, etc. Passamos aqui pelas habituais medidas vexatórias e inúteis, violência cotidiana que ela deve viver, sem que seu rosto demonstre, que ela deve, enfim, aceitar. Sabe ela que existem outros modelos ? A existência, às suas costas, de várias outras rivais com quem deve partilhar seu homem é também um outro problema.*

*Diante da ameaça da AIDS, estas jovens se revelam incrédulas. Nós as sentimos ingênuas e ignorantes. Ficamos perplexas, porque não encontramos nunca soluções para estes dilemas. Como pode a AIC lutar, razoavelmente, contra estas desigualdades, estes costumes ancestrais, seculares, enraizados profundamente em suas vidas ? Com que meios ? Começando pela educação, certamente, mas a realidade ultrapassa nosso entendimento...*

Este Caderno tem por objetivo ajudar-nos a superar um sentimento de impotência diante de uma realidade tão difícil. Ele nos propõe pistas de ações e nos anima, mais uma vez, a que nos tornemos **atrizes criativas da transformação da sociedade.**



## II. Mulheres e pobreza : uma prioridade para a AIC

### II.1 1617 : Mulheres respondem ao apelo de São Vicente

Domingo, 20 de agosto de 1617

Uma situação de grande pobreza

Vicente de Paulo é, desde o começo do mês, cura da paróquia de Chatillon les Dombes, perto de Lyon ; ele tem 36 anos ; ele se prepara para celebrar a missa, quando uma paroquiana vem adverti-lo de que uma família inteira morre de doença e de miséria, numa casa 2 kms distante das outras.

*Reagir ao acontecimento :*

Emocionado, Vicente encontra palavras para alertar a assembléia ; à tarde, após as vésperas, ele mesmo vai aos lugares, nesses caminhos, estupefato vê mulheres em « bandos », escutemo-lo :

*« Embora indigno, eu era pároco em uma pequena paróquia. Vieram advertir-me de que havia um homem, pobre e doente, mal acomodado em uma granja, justamente quando eu iniciava a homilia. Relataram-me seu mal e sua pobreza, dominado pela compaixão, falei sobre ele com tanta força que as damas se sentiram tocadas. Saímos da cidade, eu e mais de 50 damas, visitei-o e encontrei-o num tal estado, que julguei necessário confessá-lo ; como levasse o Santo Sacramento, como me cercasse de tantas mulheres, Deus me deu este pensamento : "Não poderia reunir estas boas senhoras e exortá-las a dar-se a Deus, para servir os pobres doentes."..*

*Propus-lhes, já que a caridade as animava, a irem lá, de se cotizarem, cada uma em uma jornada, não só por aquele, mas por todos os que viriam depois ; e assim foi o 1º lugar onde a Caridade se estabeleceu» Coste IX 244.*



*Organizar uma solidariedade refletida e durável :*

Desde 23 de agosto, ele reuniu todas estas mulheres e propôs-lhes o 1º esboço de uma associação e de um regulamento. Após receber a aprovação do Bispo de Lyon, em 8 de dezembro de 1617, na festa da Virgem, a 1ª Caridade viu a luz do dia. Admirou-se a precisão deste regulamento, que se encontra ainda em Chatillon, com as Filhas da Caridade : « *Seria preciso reagrupar umas vinte servas dos pobres, para evitar confusões pelo número excessivo* », assim foram dados os detalhes, para servir os pobres, ... como nossos mestres e senhores. « *Terminar com estes que estão sós, a fim de poder estar junto deles por um tempo maior* ».

*Propor um ministério da Caridade na Igreja :*

Vicente ratificou a importância e o lugar dos leigos na vida da Igreja e quis dar-lhes uma responsabilidade : o ministério da Caridade. Vê-se aí a influência de São Francisco de Sales. Ele estava atento à contribuição das mulheres leigas. Desse modo, são elas que lhe sugerem sua primeira fundação e, no curso dos anos, sua visão espiritual se enriquece da fé das mulheres com as quais, lado a lado, trabalha (Luísa de Marillac, as damas ou as filhas da Caridade).

*Por que mulheres ?*

Já o vimos, são mulheres que responderam ao apelo de São Vicente. São também mulheres que S. Vicente reúne na 1ª Caridade, « para o serviço dos pobres doentes ». Dir-lhes-á : « *Faz 800 anos que as mulheres não têm função na Igreja... E eis que a Providência se dirige a vós, hoje* ».

Criaram-se Caridades mistas em Joigny e em Montmirail, mas São Vicente relata : « Os homens e as mulheres juntos não concordam em matéria de administração ; os homens querem assumi-la inteiramente e as mulheres não o podem suportar ». Ele acaba dando preferência a elas e às suas qualidades de mães dos pobres.

**1617-2006**

S. Vicente, ainda vivo, as Caridades se espalharam rapidamente por toda a França e Europa, Itália, Polônia, com a ajuda dos Padres da Missão e das Filhas da Caridade. Elas diversificaram suas ações, respondendo às pobrezaas mais urgentes que sofriam seus contemporâneos : mendigos, prisioneiros, crianças abandonadas, populações atingidas pela guerra.

No decorrer dos séculos, as Caridades se desenvolvem, adaptam seu trabalho às novas pobrezaas e ficam unidas umas às outras. Hoje, a AIC reagrupa 250.000 voluntárias essencialmente femininas, em 50 países.

## II.2 A mulher no coração das atividades da AIC

As 250.000 voluntárias, presentes em 5 continentes do mundo, unem seu engajamento, sua caridade, seu carisma, para acompanhar os mais pobres e, sobretudo, mulheres que sofrem material e moralmente, porque são pobres e porque são mulheres.

O apoio às mulheres pobres é prioridade para a AIC ; 80% das beneficiárias são mulheres, os múltiplos projetos, que objetivam a promoção delas, são projetos de educação, de formação técnica, de acesso ao emprego, de conhecimento de gestão, de direitos e de deveres. Tudo isto para melhoria da qualidade de vida, para que venham a ser verdadeiras agentes em seus lares, na sociedade, no mundo do trabalho, mas também na esfera política onde, um dia, poderão obter o poder de decisão, tanto quanto os homens ; em uma palavra, ter seu lugar na sociedade.

### Exemplos concretos ...

#### Empowerment de uma família da AIC Madagascar

Esta família nos chegou suja, moscas voando em torno da mãe, que estivera acamada por longo tempo. As 4 crianças, também sujas, dos pés à cabeça, nunca tinham ido à escola e agarravam-se à mãe. O que fazer se esta mãe morresse ? Onde pôr as crianças ? Como curar esta mulher ? Como reanimar esta família ?

#### 1. Projeto « Um teto antes de tudo ».

- ▶ Desafio para reencontrar a dignidade de ter uma cabana, um abrigo para mulheres que vagam pelas ruas ou pelo mercado da cidade, com as crianças arrastando-se atrás delas.
- ▶ Orgulho de ter uma chave, de poder acolher os amigos e parentes.
- ▶ Primeiro passo para sair da pobreza.

#### 2. Projeto « nutrição – escolarização e registro nas fichas do cartório »

- ▶ Ter direito à alimentação, antes de registrar as crianças no cartório e de enviá-las à escola.
- ▶ Ter direito aos cuidados de saúde.
- ▶ O acolhimento das crianças no lar é o trampolim para que as mães tenham mais liberdade e oportunidades, para pensar em seu próprio desenvolvimento.

### **3. Projetos de empowerment das mães**

- ▶ Formação nos direitos e deveres, com plenitude de cidadania na sociedade, a fim de que possam tomar parte na vida da comunidade.
- ▶ Cursos de alfabetização, de cálculo, de gestão.
- ▶ Formação para simples empregos : agricultura, artesanato, cestaria e criação de pontos de venda de produtos finos.
- ▶ Formação em confeitaria e pastelaria para fornecer aos bares, em seus bairros.
- ▶ Projeto de alfabetização.
- ▶ Microcrédito e gestão de pequenos comércios, geradores de rendas.
- ▶ Formação espiritual e formação em valores, para que as mães os transmitam aos outros.

### **Inserção de mulheres estrangeiras pela AIC França**

Os serviços sociais nos alertaram sobre a situação de mulheres jovens, recentemente instaladas na França, muito isoladas : não falam francês, não ousam sair de casa e nem o podem.

Que fazer ? Seria preciso abrir cursos de alfabetização para mulheres, à tarde, e organizar a guarda de seus filhos não escolarizados.

Estas jovens vêm de todos os horizontes geográficos : África, Ásia, América Latina, etc., com nível de formação diversificado : compreendem um pouco de francês, mas não sabem ler nem escrever.

#### **1. Projeto de alfabetização**

- ▶ Organizar 3 vezes por semana, durante o ano escolar, cursos para grupos de 15 mulheres, mais ou menos.
- ▶ Guardar seus filhos não escolarizados, mas sob sua responsabilidade.
- ▶ Encontrar um local com, pelo menos, dois cômodos.
- ▶ Formar as voluntárias que serão « professoras ».
- ▶ Trabalhar em parceria com os serviços sociais que propõem o projeto às mulheres, que as motivam e vêm, regularmente, assegurar uma formação para a vida social e a economia familiar.



## 2. Resultados positivos do projeto

As mulheres aprendem francês e isto contribui para tornarem-se autônomas.

É também importante encontrarem-se em grupos, criarem laços de amizade entre si e com as voluntárias.

E finalmente adquirir uma imagem positiva de si mesmas.

Uma verdadeira dinâmica de grupo favorece troca de saberes ; por vontade delas, organizamos, com elas, saídas culturais, porque elas desejam conhecer a cultura francesa e ajudar seus filhos a compreendê-la.

Um trabalho de parceria se realiza, entre elas (as mais adiantadas ajudam as que compreendem menos) e com elas (elas nos participam os assuntos de que querem tratar).

Seus filhos aprendem a se separar delas e vice-versa, docemente, e a passagem deles à creche prepara-os para a entrada na escola ; quase sempre o único lugar em eles ouvem francês.

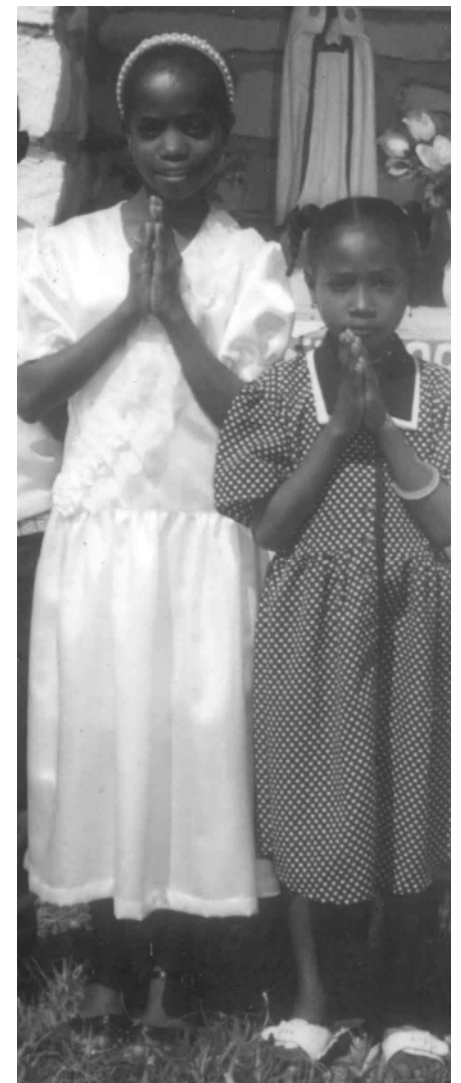
Não podemos falar de relação de igual para igual, entre as voluntárias e suas alunas, todas mulheres, que têm o mesmo desejo de educação de seus filhos ?

Em 2003, a AIC França foi convidada por uma cadeia de TV, para apresentar suas principais atividades. Entre as voluntárias presentes, havia uma aluna de um grupo de alfabetização, jovem marroquina S..., e « sua professora », uma voluntária AIC. Quando o apresentador deu a palavra a S..., esta disse que graças ao curso que seguia há um ano, com a AIC França, ela podia, agora, falar, diretamente, ao médico, quando seu filho estava doente !

Que orgulho por ela ser diretamente responsável por seu filho !

Que orgulho para seu filho, por sua mãe não precisar mais de intermediário ! Que orgulho este sucesso nos proporciona !

Todos estes projetos se completam, para formar um todo, unem-se no apoio às mulheres despossuídas e conduzem a seu próprio empowerment e à redução de seus sofrimentos.



Empowerment ? Milagre ? Corresponsabilidade social sobretudo. Ademais, muita paciência, uma paciência sobre-humana da parte de todas as voluntárias. Isto, talvez, seja o amor de que fala o Evangelho. Porém os resultados só são palpáveis ao final de um longo túnel de quase 10 anos. Então, sejamos pacientes diante de todas as dificuldades que se apresentem.



Muitas mulheres foram acompanhadas pela AIC em todas as diferentes associações. Cada associação está orgulhosa de mostrar exemplos destas mulheres despossuídas, abatidas, vítimas dos costumes, sem apoio, vencidas pelas vicissitudes da vida, mas que, após alguns anos em nossos centros, se tornaram mulheres batalhadoras, orgulhosas de falar em público, de defender seus direitos e de testemunhar seus sucessos a seus semelhantes que ainda estão em dificuldades, no entanto preste a contorná-las. Não são clarões de esperança ?

### **II.3 A AIC contra a violência em relação às mulheres**

A violência doméstica, presente em todo o mundo, é uma das causas da pobreza das mulheres. Porque, mesmo se este flagelo não toque as famílias em situação de pobreza, a violência contra as mulheres pode arrastá-las à pobreza e à exclusão.

**A violência doméstica se tornou um problema notório e um número maior de mulheres ousa falar de seu sofrimento em público.**

**Durante séculos, a violência contra as mulheres e, mais particularmente, a doméstica, era um « caso privado » ; sabia-se, mas, raramente, se falava disso... as mulheres sofriam em silêncio.**

**Após a plataforma de Pequim (1995), mudanças profundas apareceram. Existem declarações e convenções contra a violência, documentos, livros e campanhas de sensibilização. A Internet registra mais de 10.000 sites que tratam do assunto « mulheres e violência ». A discussão é pública e vários estados têm leis, para proteger as mulheres. Há programas para prevenir a violência e refúgios para as mulheres abatidas que precisam de ajuda. A violência doméstica se tornou um problema notório e um número maior de mulheres ousa falar de seu sofrimento em público.**

Mas apesar de tudo isto, ... a violência doméstica existe sempre. As declarações não significam grande coisa para as mulheres vítimas da violência ; se existem leis, quase sempre elas não as conhecem ou não têm recursos financeiros para pagar um médico ou um advogado, que possa atestar as violações. Raramente têm acesso aos meios de comunicação moderna. Jamais ouviram falar da Conferência de Pequim. A par do sofrimento físico, o sofrimento emocional e psicológico deixa-as sem confiança em si, esquecidas da auto-estima e da dignidade. Elas se sentem abandonadas e desesperadas.

Desde 1997, a AIC se engajou num processo, de longo prazo, para lutar contra a violência contra as mulheres : ações de formação das voluntárias, ações de sensibilização e prevenção. É importante a cada ano acompanhar este engajamento, porque as mentalidades evoluem muito lentamente.

Muitas vezes as voluntárias AIC se confrontam com os graves problemas sofridos pelas numerosas mulheres despossuídas, que encontram, no decorrer de sua ação. Como agentes próximas, elas estão no primeiro plano, para identificar os sinais de violência. Em vários países, grupos de voluntárias iniciaram projetos concretos de acolhida e assistência para as mulheres vítimas de violência ( casas de apoio, refúgios), organizaram espaços e encontro e escuta ou, ainda, ofereceram um acompanhamento às que desejavam sair daquela situação.

Dois seminários de formação : foram organizados na Europa e na América Latina. Após estes seminários, as participantes repercutiram, em suas associações, a formação recebida, organizando reuniões, seminários nacionais, oficinas locais e publicando artigos, em seus boletins. As voluntárias se informaram sobre iniciativas públicas e privadas, em seus países, para assim conhecer melhor as leis nacionais, os refúgios existentes e os serviços especializados, e as campanhas nacionais de sensibilização.



**É importante a cada ano acompanhar este engajamento, porque as mentalidades evoluem muito lentamente.**



Um Manifesto de intenções foi também adotado e largamente difundido entre as associações e junto ao público. Desde a Assembléia de 2002, as voluntárias assumiram o engajamento de realizar, a cada ano, ações concretas de prevenção, por ocasião de 25 de novembro, Jornada Internacional para a Erradicação da Violência contra as Mulheres.

A AIC está convencida de que uma política de prevenção é um componente essencial para lutar eficazmente contra a violência.

Desde 2003, o Prêmio « Jean Delva » financia projetos inovadores nessa luta das mulheres. Este prêmio é uma resposta ao projeto criado por Claire Delva, antiga presidenta internacional, seguindo nisto o desejo de seu falecido marido, Jean Delva.

Neste quadro, a AIC-Panamá, por exemplo, formou 140 jovens adolescentes como agentes de mudanças para a prevenção da violência. A associação de Madagascar organizou um concurso de fotos, aberto ao público, ilustrando o problema do abandono do lar pelos pais. A originalidade deste projeto é responsabilizar os homens à problemática da violência contra as mulheres. As voluntárias malgaxes também redigiram e adotaram um manifesto intitulado « Por uma paternidade responsável ».

Neste ano, a AIC, representada por Anne Sturm (presidenta anterior), foi muito ativa no grupo de trabalho « Mulheres e violência », emanado da Conferência das Organizações Internacionais Católicas (OICs). *O grupo de trabalho elaborou um material didático para todas aquelas e aqueles que trabalham com as mulheres mais vulneráveis : as mulheres mais pobres, analfabetas, isoladas, deficientes, migrantes e, especialmente, migrantes ilegais e sem proteção.* Este material não se destina a especialistas, mas a voluntárias, Filhas da Caridade, professoras... que se engajam pela autopromoção e pelo empowerment dos mais vulneráveis a encontrar soluções adaptadas à sua realidade. Ele estará disponível no site da AIC, na Internet.

A despeito das diferenças culturais, o sofrimento das mulheres vítimas de violência resta o mesmo, quer se trate dum sofrimento tolerado, sancionado ou admitido publicamente. A violência não é nunca « normal », para quem a sofre. Algumas são resignadas, mas cada mulher sente profundamente que tem o direito de viver sem humilhação, sem medo, na dignidade e na paz.

## **MANIFESTO DA AIC CONTRA A VIOLÊNCIA QUE SOFREM AS MULHERES NO MUNDO**

NÓS, mulheres membros da Associação Internacional das Caridades, reunidas em Fortaleza, capital do Estado do Ceará (Brasil), de 18 a 21 de outubro de 2001, a fim de estudar o problema da violência contra as mulheres em nossos países ;

CONSCIENTES de que, para um número considerável, entre nós, existe uma situação permanente de perigo pessoal e social, causado por diversas formas de violência, que fazem, há séculos, vítimas no plano cultural ;

CONSTATANDO que os prejuízos emocional e material causados pela violência contra as mulheres têm repercussões sobre sua família, a sociedade, os países e toda a humanidade ;

PERSUADIDAS da necessidade de prosseguir nosso engajamento neste tema, tendo em vista sensibilizar um número crescente de pessoas em nossos respectivos países ;

DECIDIMOS envolver-nos ainda mais na luta contra a violência em relação às mulheres, trabalhar na prevenção e ajudar as mulheres maltratadas ;

ESTAMOS CONVENCIDAS de que a violência é inaceitável nos lugares e nos países onde existe uma associação nacional da AIC ;

NÓS NOS ENGAJAMOS em uma parceria, para lutar contra este flagelo, para persuadir os meios de comunicação social a aderirem à nossa causa e para advogar em favor de medidas públicas, que defendam e ponham à frente os valores da vida, de uma vida digna para todas as mulheres ;

CONVIDAMOS todas as mulheres a dizer « BASTA » a esta realidade perversa, e a lutar, com todas e para nossas crianças, para que livrems nosso mundo de todos os tipos de violência.

*Este manifesto foi assinado em outubro de 2001 por :*

*Patrícia P. de Nava, ex-Presidenta Internacional da AIC, os membros do Comitê Executivo e As Presidentas das Associações Nacionais da AIC da América Latina e da Europa.*



## II.4 « Mulheres e pobreza » : uma mensagem comum da AIC

Atualmente, a AIC decidiu levar uma mensagem comum que a defina na ajuda a um aspecto importante de sua ação : « a atenção à pobreza das mulheres ».

Por ocasião de cada reunião, de cada representação, da elaboração de ações, é importante que se proponham as seguintes questões :

- ▶ A ação empreendida leva em conta as mulheres mais pobres ?
- ▶ Terá ela um impacto sobre estas mulheres ?
- ▶ Nós as consultamos ?

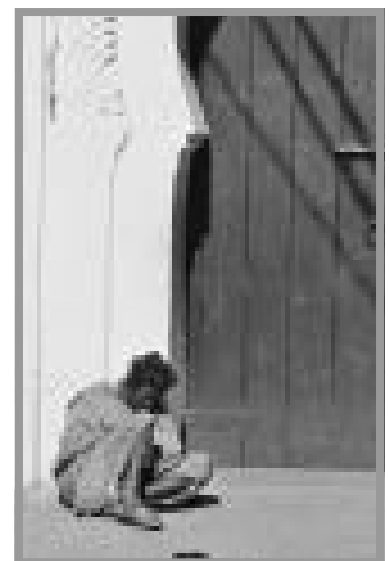
Por que uma tal mensagem comum ?

A AIC, fortalecida por suas 250.000 voluntárias, na maioria mulheres, presente em mais de 50 países no mundo, luta com outras mulheres em dificuldades, vítimas de injustiças, de violência de toda sorte, mulheres que sofrem o peso das culturas e das tradições, obstáculos que, em muitos países, impedem-nas de integrar-se plenamente na vida social, política e econômica.

A AIC está consciente de que, com freqüência, a mulher é duplamente marginalizada, como mulher e como pobre.

Considerando seus problemas e suas necessidades, a AIC se outorga a missão de atrair a atenção de todos, qualquer que seja o nível, local, nacional e internacional, e quer sensibilizar as instituições e suscitar respostas eficazes e rápidas.

**AIC**  
**=**  
**A**  
**atenção**  
**à**  
**pobreza**  
**das**  
**mulheres**



### III. Tomada de consciência internacional e engajamentos políticos

A par das ações concretas de campo, é importante engajar-se também em ações « mais políticas », a fim de garantir às mulheres seus direitos e fazer avançar a igualdade entre homens e mulheres. A AIC deve estar atenta aos eventos internacionais, tais como a seqüência da Conferência Mundial sobre as Mulheres, a Marcha Mundial das Mulheres, os Objetivos do Milênio e, sobretudo, engajada nesses acontecimentos. E nós, voluntárias, podemos informar-nos destas etapas-chaves que demarcam o processo de igualdade homens/mulheres (os sites são inúmeros, na Internet). No nível local, podemos interpelar os responsáveis públicos sobre o direito das mulheres nas políticas postas em prática.

Sabem que as grandes Conferências Internacionais engajam os Estados participantes (e, portanto, os seus) a submeter, em intervalos regulares, relatórios de seguimento e de avaliação ? Por que não tratar destas questões durante as reuniões de equipe ?

**Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, Pequim, 1995**  
[www.un.org/french/events/womenfr](http://www.un.org/french/events/womenfr)

*A plataforma de Pequim 1995 – 2005, 10 anos de engajamentos !*

Em 1995, a Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim, reafirmou a igualdade entre homens e mulheres como um direito fundamental. Uma Declaração que reflete esse engajamento da comunidade internacional e um Programa de ação, baseado em 12 temas prioritários, foram adotados. Representantes da AIC estavam presentes em Pequim e a AIC redigiu um documento preparatório da Plataforma de Ação.

Solange Choppin de Janvry, representante da AIC, também participou da Conferência Internacional « Pequim + 10 ». Em seu relatório, ela partilha conosco as informações que se seguem. A abertura desta reunião de seguimento se deu com um balanço mitigado. Apesar de alguns avanços positivos (a multiplicação dos ministérios e unidades para as mulheres, leis votadas e reformas jurídicas a favor delas, intensificação do trabalho em rede), há falha na vontade política de tornar a causa das mulheres uma prioridade.

Para a AIC, os temas que chamaram a atenção, além da educação das jovens e dos direitos das mulheres são :

O HIV/AIDS : na África subsaariana, 76% das pessoas de 15 a 24 anos contaminadas são mulheres jovens.

As viúvas e a tradição : nas sociedades patriarcais, o estatuto social da mulher é determinado conforme o do marido ; na ausência deste, a mulher não existe socialmente e é submetida a costumes degradantes.

As mulheres e as migrações : elas constituem a metade dos migrantes. Elas vivem, quase sempre, num universo fechado. Elas têm dificuldades de acessar serviços de saúde. Quando a mulher não dispõe de estatuto pessoal, mas depende daquele de seu marido, ela pode ser mais vulnerável à violência doméstica. Cada vez mais mulheres migrantes caem em redes de prostituição.

As mulheres e a prostituição : a prostituição é uma atividade criminal internacional em plena expansão, a terceira depois da droga e do comércio de armas. Vendem-se, a cada ano, quase dois milhões de mulheres e crianças na indústria do sexo.

As mulheres e a violência : a violência conjugal e a violência contra as mulheres em tempos de guerras.

E, quanto a nós, conhecemos os 12 temas prioritários do Programa de Ação de Pesquisa que foram adotados pelos Estados signatários da Declaração final, em 1995 ? Como evolui a política de igualdade homens/mulheres em nosso país ? Que mudança constatamos depois de 10 anos ?

## Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)

[www.un.org/french/millenniumgoals](http://www.un.org/french/millenniumgoals)

### Um quadro comum de referência para as políticas de desenvolvimento

Em 2000, na Assembléia Geral das Nações Unidas, 189 Estados presentes se engajaram, através de 8 objetivos, em levar avante o desenvolvimento e em reduzir a pobreza até 2015.

1. Reduzir a extrema pobreza e a fome
2. Assegurar a educação fundamental para todos
3. **Promover a igualdade dos sexos e a autonomia das mulheres**
4. Reduzir a mortalidade das crianças de menos de 5 anos
5. Melhorar a saúde materna
6. Combater o HIV/AIDS, o paludismo e outras doenças
7. Assegurar um meio ambiente durável
8. Pôr em prática uma parceria mundial para o desenvolvimento.

Pela 1ª vez na História, existe um verdadeiro consenso que proclama a pobreza como principal problema mundial. Os ODM, seguramente, não são completos, mas têm o mérito de existir. Constituem um forte engajamento político. Oito objetivos, 18 al-



vos particulares e 48 indicadores de controle dos progressos cumpridos de hoje a 2015. Desafio imenso mas realizável, que só avançará, é evidente, se os cidadãos se mostrarem atentos à concretização dos oito objetivos definidos.

Quanto a nós, estamos atentas, acompanhando o respeito de nosso país aos oito objetivos ? Existem entre nós reuniões, seminários de sensibilização da sociedade civil para compreender melhor esses objetivos da declaração do Milênio ? Estamos participando ?

## A Marcha Mundial das Mulheres

[www.marchemondialedesfemmes.org](http://www.marchemondialedesfemmes.org)

### As mulheres se põem em marcha contra a pobreza e a violência feita às mulheres

Por que uma marcha ? A idéia de haver uma marcha mundial das mulheres, no ano de 2000, nasceu em seguida à Marcha das Mulheres contra a Pobreza, que se deu em Quebec (Canadá), em 1995.

O Fórum Mundial de Pequim, no mesmo ano, confirmou que, em todo o mundo, as mulheres estavam mais do que nunca determinadas a lutar pela igualdade, pelo desenvolvimento e pela paz. Nesse fórum foi lançada a idéia de uma Marcha Mundial.

Como rede mundial de ações de luta contra a pobreza e a violência feita às mulheres, a « Marcha Mundial das Mulheres » colheu, em 2000, a adesão de perto de 6000 grupos, em 163 países e territórios. A partir de 2003, uma Carta Mundial foi redigida. Ela compreende 5 valores fundamentais : a igualdade, a liberdade, a solidariedade, a justiça e a paz.

Em 2005, as mulheres do mundo inteiro se moveram para difundir esta Carta. Ao lado de um grande número de ações nacionais, em 17 de outubro de 2005, à tarde, as mulheres, de acordo com seu fuso horário, se mobilizaram para manifestar sua adesão à Carta Mundial das Mulheres pela humanidade e por seus valores.

*Quanto a nós, sabemos o que se passou, em nosso país, nessa jornada de 17 de outubro ou sobre a Marcha Mundial das Mulheres ? Pudemos participar de uma ou outra manifestação ? Encontramos, perto de nossa associação, organizações parceiras que, também, trabalham com mulheres despossuídas ?*

Nós lhes sugerimos também visitar o site do PNUD ( Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) : [www.faireequipecontrelapauvret.org](http://www.faireequipecontrelapauvret.org)

Este site, muito didático, propõe, notadamente, sob a rubrica intitulada « Agir, como e com quem », inumeráveis idéias de ações, de gestos simples a realizar, para diminuir a pobreza e, em especial, das mulheres. Ele apresenta um questionário sobre a pobreza, o Quizz, que poderá ser usado em reuniões de equipe. Ele explica os Objetivos do Milênio, etc.... Certamente para consultar !

## IV. Aplicar a análise de *gênero* nos projetos AIC ...

Cada vez mais e com frequência, as ações AIC tomam a forma de projetos. É um bom sinal ! Isto prova que adotamos um método para evitar a improvisação e o desperdício dos recursos ( de tempo, energia e dinheiro), nas ações de luta, pouco eficazes, contra a pobreza. Além de tudo, isto nos permite transformar eficazmente, desde a origem de um problema, as situações de injustiça. Enfim, trabalhar sob forma de projetos permite melhor identificação das necessidades concretas das pessoas aflitas e melhor acompanhamento em sua busca de autonomia e de dignidade (como o empowerment o preconiza, uma das linhas operacionais da AIC).

Relendo a história da jovem malgaxe (ver início deste Caderno), constatamos que ela encontra muitos obstáculos que a impedem de decidir sua vida e de ter os meios para exercer sua autonomia. Segundo as regras da sociedade, em que vive, ela deve ser sempre submissa, numa espécie de escravidão.

Contudo as voluntárias AIC não devem fugir desta questão « Como podemos, razoavelmente, lutar contra estas desigualdades, estes costumes ancestrais e seculares, enraizados no mais profundo de suas vidas ? » Mesmo que, efetivamente, a realidade supere nosso entendimento, tentemos, como voluntárias, ultrapassar o medo de ir « contra a corrente » e, assim, caminhar para maior justiça.

Para fazer isso, o melhor meio é a formação em novos conceitos, como o de « gênero », para ajudar uma melhor compreensão desta realidade e, em seguida, aplicar estes conceitos em nossos projetos.

### **Mas o que significa a noção de « gênero » ?**

Ser homem ou mulher, trata-se de uma diferença biológica evidente !

No entanto, quando uma mulher deve comer depois de todos os membros da família, trata-se de uma diferença cultural.

Estes 2 exemplos mostram a diferença entre a noção de sexo, que se refere às características biológicas, e o conceito de « gênero » (tradução do inglês « gender »), que se refere às relações e ao papel social dos homens e das mulheres, determinados pelo contexto econômico, social, político e cultural, em que vivem.

Contrariamente às diferenças biológicas, estes papéis e relações mudam conforme a organização social e cultural, conforme o tempo e o espaço. Não são universais e podem evoluir e modificar-se.

Se, de fato, a distribuição dos papéis varia entre diferentes culturas, na maior parte das sociedades, as mulheres, cujo acesso aos recursos é mais restrito, têm suas chances limitadas e menos possibilidade de tomar parte nas decisões.

Nosso objetivo é modificar esta situação, quando se apresenta no trabalho de campo, para permitir que homens e mulheres participem, em igualdade de condições, do processo de desenvolvimento e se beneficiem de suas conquistas em partes iguais.

### **A análise de « gênero » no caso da jovem malgaxe :**

Parece-nos evidente que uma das causas estruturais da violência sofrida pela jovem tem sua origem na divisão dos papéis entre homens e mulheres na sociedade, onde vive. Constata-se que segundo o costume local (válido também para o restante do país), os pais vendem suas filhas. Pode-se ir ainda mais longe ao dizer que é o pai que vende sua filha, pois é ele que se enriquece com este negócio e não sua mulher. Aparentemente, na comunidade, é o marido que embolsa o dinheiro da família e que dele dispõe, mesmo que esses rendimentos sejam gerados pela mulher. É também o costume que impõe que a mulher coma por último, depois de seu marido e de seus filhos.

Como intervir para mudar esta situação injusta ? Refletindo sobre ela, rapidamente nos damos conta de que nem um centro de acolhimento, para estas mulheres, nem um projeto, para satisfazer suas carências nutricionais, resolverão o problema. Então, o que fazer ?

Embora a situação da jovem malgaxe seja semelhante à das jovens de outros países ou continentes, há sempre particularidades próprias de cada região, costumes variados de cidade em cidade. Entretanto, mesmo que sua situação pareça muito distante daquela de uma jovem européia, as desigualdades entre homens e mulheres existem inteiramente, no Norte ou no Sul, porém sob diferentes formas. Não há resposta fácil nem receita milagrosa. Contudo, antes de propor uma ação, é preciso analisar bem todos os problemas e, notadamente, os que decorrem da divisão dos papéis entre homens e mulheres, numa dada comunidade.

Em seguida, ousamos crer que a cultura possa evoluir, com o passar do tempo, como a história nos provou : direito de voto, de eleger ou de ser eleitas para as mulheres ; mulheres chefes de empresa, etc. Estas crenças culturais evoluíram em muitos países. Por conseqüência, não tenhamos medo de propor papéis diferentes.

Aqui, em nosso exemplo, a violência feita à jovem malgaxe é, claramente, de origem cultural. Todavia isso não cessará, enquanto não houver divisão de papéis, enquanto não houver modificação no contexto social, econômico ou político que engendra dificuldades para um dado grupo. Por isso, propomos pistas e questões para estudar, antes de elaborar um projeto. É essencial para evidenciar aspectos quase sempre invisíveis da realidade.

Mais se visualizam estes aspectos, mais se compreende o conceito de *gênero*, e *mais se conclui que a luta contra a pobreza só é possível, desde que se estabeleçam as contribuições efetivas dos homens e das mulheres e se reforce o poder dos mais desfavorecidos.*

O objetivo visa à redução das diferenças políticas e econômicas injustas entre os gêneros. É um elemento importante de *empowerment da comunidade*.



- ▶ Por isso, é preciso primeiramente :
- ▶ Informar-se sobre a comunidade :
- ▶ Quais valores, atitudes e conceitos são partilhados pelos membros da comunidade/grupo alvo ? Por que ? De onde vêm as regras impostas aos membros da comunidade ?
- ▶ Fazer a diferença entre os homens e as mulheres (as jovens e os jovens) do grupo alvo :
- ▶ Contar sistematicamente o número de mulheres e homens (moças e rapazes) em nosso grupo alvo. Se ele se compõe só de homens ou de mulheres, perguntar-se por quê.
- ▶ Durante a jornada, quais são as ocupações dos homens e das mulheres ? Qual é a consequência desta divisão de papéis e responsabilidades sobre a autonomia de cada grupo ? Quem tinha mais tempo livre ? Quem administra os recursos da casa ?
- ▶ Qual é o mecanismo de decisão na casa/na comunidade através do qual um projeto é proposto ?
- ▶ Quem controla o dinheiro na casa ?
- ▶ Estudar em que os problemas (desnutrição, analfabetismo, doenças, violências, etc.) atingem diversamente as mulheres e os homens :
- ▶ Consultar as mulheres sobre seus problemas e opiniões.
- ▶ Compreender quais são suas necessidades práticas, por exemplo : alimentos, roupas, dinheiro ou toda outra necessidade material susceptível de melhorar sua qualidade de vida ;

**As relações de poder desiguais impedem o desenvolvimento do grupo alvo ?**

- ▶ Compreender quais são suas necessidades estratégicas, por exemplo : mais participação nos processos de decisão que determinam seu cotidiano ; mais acesso aos recursos e às oportunidades ; diminuir sua carga de trabalho ; ou tudo aquilo que permitirá às mulheres assumir um novo papel na sua comunidade e desenvolver assim seu *empowerment*.
- ▶ Estudar as estatísticas da região/comunidade (se elas estão disponíveis), comparando-as aos problemas visados, e divulgar por sexo :
- ▶ Qual é a taxa de incidência das doenças (AIDS, malária, tuberculose, etc.) sobre os homens e sobre as mulheres ?
- ▶ Qual é a taxa de desnutrição dos homens e das mulheres ?
- ▶ Qual é a taxa de analfabetismo dos homens e das mulheres ?



E em seguida ...

Uma vez estabelecidas estas constatações, analisemos quais são os riscos eventuais do acesso desigual aos recursos e do controle dos recursos pelo grupo alvo. As relações de poder desiguais impedem o desenvolvimento do grupo alvo ?

## **Estratégias de ação para elaboração e realização do projeto :**

- ▶ Consultar o grupo alvo antes de propor um projeto. Como vimos, em várias formações, a escuta é muito importante na AIC : ela permite não substituir as pessoas em dificuldade e poder acompanhá-las e apoiá-las, em sua participação no projeto.
- ▶ É ainda muito importante no caso de desigualdades entre homens e mulheres. Porque somente as pessoas em dificuldade podem dizer-nos o que sentem realmente e de que precisam.
- ▶ Vigiar para que os benefícios do projeto cheguem, efetivamente, ao grupo alvo e sejam repartidas em função de sua participação e de seu poder, tentando compensar as faltas de poder, a fim de que as pessoas em dificuldade estejam aptas a superar os problemas.
- ▶ Identificar, previamente, o impacto que nossas ações poderiam ter sobre as desigualdades e estar prontas a remediar, em caso de revés.
- ▶ Elaborar os projetos segundo constatações feitas, e vigiar para que a realização do projeto leve em conta objetivos de *empowerment*.

## **V. Conclusão**

### ***Que as mulheres ajudem as mulheres !***

Como, quando nos confrontamos com as pobreza vividas pelas mulheres, não nos referimos aos textos de João Pauloll, tão atuais ainda ; eis o que escrevia em sua mensagem para a Jornada Mundial da Paz, em 1° de janeiro de 1995 :

«Muitas mulheres, por causa de suas condições sociais e culturais... ou vítimas de uma mentalidade materialista e hedonista, não chegam a uma plena consciência de sua dignidade :

Que as mulheres ajudem as mulheres a descobrir sua própria riqueza interior..., seu papel imutável de educadoras da paz na sociedade...

Nós, voluntárias da AIC, conscientes de nosso engajamento e de nossa missão, sabemos que, no contexto socioeconômico em que vivemos, o desenvolvimento de um país só poderá ser atingido com a participação efetiva das mulheres e esta participação será, para elas, um eixo para seu empowerment e seu poder de decisão.

Embora as mulheres reforcem sua posição na educação, no emprego, na liderança, esta participação resta ainda secundária, para a maioria das mulheres. A necessidade de aumentar a representação da mulher local, nacional e internacionalmente é urgente. Cada um, homem e mulher, tem um papel específico a desempenhar, no seio da sociedade, cada um tem seu carisma particular.

A partir do momento em que o papel da mulher se resume em ser uma simples « serva » e executora das ordens masculinas ou paternas, a sociedade toda perde uma contribuição da inteligência das mulheres.

É ainda primordial favorecer a educação das jovens e das mulheres, porque aí está a chave do desenvolvimento :

- ▶ Motivar as que estão próximas de conquistas (por exemplo, pela outorga de bolsas de estudos).
- ▶ Insistir sobre a criação de infra-estruturas para aliviar o trabalho das mulheres (mudança de curso de água, fontes...).
- ▶ Multiplicar as agências de microfinanciamento e facilitar o acesso às mulheres.

« Mas o que dizer dos obstáculos que, ainda, em inúmeros países, impedem as mulheres de integrar-se, plenamente, na vida social, política e econômica ? » (Papa João Paulo II). Esta citação une-se ao tema geral escolhido pela próxima Assembléia das Delegadas de 2007 e nos incita a ir mais longe em nosso engajamento pelas mulheres. Nós as convidamos a refletir sobre o que desejamos desenvolver na Assembléia :

**Compreender em que medida e em que circunstâncias os valores, as tradições e as instituições culturais, presentes em uma sociedade, têm uma influência sobre o papel das mulheres e dos homens. Como podem representar um obstáculo ao desenvolvimento da mulher e quais são os melhores meios de contornar esta causa de pobreza das mulheres ?**

Nossa divisa « *Contra as pobres, agir junto* », nos impulsiona a unir todas as forças existentes na sociedade, seguindo o apelo do Papa João Paulo II, « *um apelo, apressando todos, em particular, os Estados, e as Instituições Internacionais, para que façam o que for necessário, para dar, novamente, às mulheres o pleno respeito à sua dignidade e a seu papel* ».



Uma associação essencialmente feminina organizada mundialmente, contando mais de 150.000 voluntárias, com 6.000 equipas locais em 50 países.

Fundada por S. Vicente de Paulo em 1617 para combater todas as formas de pobreza e de injustiça e para dar às mulheres um papel social ativo e reconhecido, dentro de um espírito de solidariedade.

Editora responsável : Agnès Dandois  
Tel. 32 (0) 10 45 63 53  
Fax 32 (0) 10 45 80 63  
E-Mail : [contact@aic-international.org](mailto:contact@aic-international.org)  
[WWW.aic-international.org](http://WWW.aic-international.org)



Assinatura por 1 ano :  
10 Euro  
10 US Dollars

Na conta de sua associação nacional AIC

Colaboraram neste número :

**Redação :**

*Laurence de la Brosse*  
*Agnès Dandois*  
*Patricia de Nava*  
*Natalie Monteza*  
*Rose de Lima*  
*Ramanankavana*

**Traduções :**

*Marie Caroline Lièvre*  
*Marta Esser*  
*Ida Tomaschu*  
*Eunice Martins*  
*Anne Sturm*  
*Christa Foelting*

**Paginação :**

*Béatrice Dupriez*

**Já publicado :**

*Empowerment (n° 1)*  
*Cooperação (n° 2)*  
*Identidade (n° 3)*  
*Aplicação das linhas operacionais (n° 4)*  
*Com os pobres... (n° 5)*